

## PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS SOB A PERSPECTIVA ROGERIANA

TEACHING AND LEARNING PROCESSES: TEACHERS AND STUDENTS' PERCEPTIONS UNDER  
THE ROGERIAN PERSPECTIVE

DOI: <https://doi.org/0.16891/2317-434X.v11.e3.a2023.pp3244-3254> Recebido em: 26.06.2023 | Aceito em: 06.10.2023

Maria Luísa Aguiar Morais<sup>a</sup>, Ubiracelma Carneiro da Cunha<sup>a</sup>

Centro Universitário da Vitória de Santo Antão - UNIVISA<sup>a</sup>  
\*E-mail: maria.amorais99@gmail.com

### RESUMO

As situações pensadas para mediar o ensino e a aprendizagem são perpassadas por diversas dimensões: cognitiva, afetiva e social. Desse modo, este estudo objetivou compreender os aspectos presentes na relação professor-aluno que influenciam nos processos de ensinar e de aprender. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, da qual participaram duas alunas e três professores que responderam a um questionário biosociodemográfico e a uma entrevista semiestruturada. A análise de dados foi realizada de acordo com a técnica de análise de conteúdo temática. Os resultados da pesquisa apontaram que os papéis de aluno e professor não são fixos e que ambos podem, de forma ativa, ensinar e aprender, havendo trocas intergeracionais neste processo. Também foi possível observar que a afetividade pode contribuir para uma aprendizagem significativa. Diante disso, a promoção do diálogo dentro da sala de aula, assim como as atitudes de compreensão empática podem promover a transformação pessoal dos alunos.

**Palavras-chave:** Abordagem Centrada na Pessoa; Aluno; Aprendizagem; Ensino; Professor

### ABSTRACT

The situations designed for mediating the teaching and learning perpass several dimensiona: cognitive, affective and social. Thereby, this study has for objective understand the aspects present in the teacher-student relationship that has the influence in the learning-teaching process. It is about a qualitative research, in which participated two students and three teachers that answered a bio-social-demographic questionnaire and an half structured interview. The data analysis was made accordingly to the thematic content analysis. The research results pointed that the teacher's and student's role are not fixed and both can, in the active way, learn and teach, making intergenerational exchanges in this process. Also was possible observe that the affectivity can contribute to a significative learning. That said, the dialogue promotion inside classroom, as well as the empathic understanding attitudes, can promote the student's personal transformation.

**Keywords:** Person-centered approach. Student. Learning. Teaching. Teacher.

## INTRODUÇÃO

Compreender os processos de ensino e de aprendizagem como contínuos e abertos, além de considerar que são afetados por vivências e pelo contexto sócio-histórico, traz luz a novas perspectivas sobre a educação, visto que a troca de experiências, o vínculo e o encontro que acontecem dentro da sala de aula podem ser ferramentas para construção de novos sentidos e significados (QUADROS *et al.*, 2010; NÓVOA, 2017).

Compreende-se o espaço da sala de aula como um lugar de formação humana, de vivências, convivências e de relações pedagógicas que pode promover o crescimento individual das pessoas, seja na interação com o outro ou com o conhecimento (QUADROS *et al.*, 2010). Jusevicius (2006) afirma que, historicamente, o contexto da educação tem sido caracterizado por um modelo pedagógico em que a relação professor-aluno é tida como unilateral. Nesse cenário, o primeiro tem a função de transmitir conteúdos e o segundo assume uma postura não participativa, ao passo que sua responsabilidade é repetir o que lhe é transmitido.

Nesta perspectiva, outros autores também destacam a existência de uma prática pedagógica dirigida exclusivamente pelo professor, na qual ele era o responsável pela transmissão do conhecimento sintetizado, e a partir da qual se pressupunha que apenas esse indivíduo possuía o domínio dos conteúdos a serem transmitidos. Sua concepção, portanto, era de depositário do saber (MOREIRA; CHAMON, 2015).

Nesse contexto, Carl Rogers, fundador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), psicólogo e um dos mais influentes teóricos na área da psicologia humanista e da personalidade, destaca que “o professor é uma pessoa, não a encarnação abstrata de uma exigência curricular ou um canal estéril através do qual o saber passa de geração em geração” (ROGERS, 2009, p. 331).

Neste cenário, compreende-se os processos de ensino e aprendizagem numa perspectiva para além dos processos formais estudantis. Aqui, considera-se também o desenvolvimento de habilidades interpessoais, as mudanças de visão de mundo, o estímulo a busca de metas, a produção de sentidos e significados, bem como a modificação de pensamentos, comportamentos e atitudes.

Na perspectiva ACP o próprio professor facilita, através de determinadas posturas e de alguns pressupostos básicos, o percurso para que o outro busque em si mesmo o seu caminho e as suas respostas. A condição da pessoa que oferece a ajuda é de ser apenas um facilitador, visto que cada uma possui em si uma tendência de atualização.

Ao falar da aprendizagem significativa, Rogers

(2009) acredita que é preciso envolver não apenas o aspecto cognitivo, mas também o sensível. Ou seja, conforme o estudioso, tem-se a qualidade de um envolvimento pessoal: o conteúdo com o qual o aluno se envolve tem para ele um significado integrado ao seu pensar e o seu sentir. Assim, as pessoas aprendem significativamente coisas que implicam na manutenção ou na elevação de si mesmas.

Lima, Barbosa e Peixoto (2018) afirmam que as teorias humanistas, dentre as quais a ACP está inserida, destacam a participação das relações interpessoais na construção da personalidade da pessoa, bem como no ensino centrado no aluno e em sua participação na composição e coordenação pessoal da realidade. As autoras vão enfatizar que, para Carl Rogers, o ato de aprender é individual e particular de cada pessoa, de modo que a sua vivência subjetiva precisa ser considerada, pois o aluno retém o que faz sentido para ele, o que acredita ser importante e o que se relaciona com o seu contexto. O autor defendia que a educação se dava pelo contato e que o professor deveria atuar enquanto um educador-facilitador, estando presente para os seus alunos. A função do docente seria auxiliar o aluno a entrar em contato com seus próprios interesses, anseios e expectativas e, por isso, ser ativo no seu próprio processo de aprendizagem (LIMA; BARBOSA; PEIXOTO, 2018; ROGERS, 1972).

Rogers (2009) ainda frisa a importância de que a sala de aula seja um espaço construído por um conjunto de pessoas autênticas, isto é, congruentes, que se comunicam e se relacionam entre si. Desse modo, ele compreendia que a aprendizagem poderia ser facilitada através de algumas atitudes: congruência, aceitação positiva incondicional e compreensão empática. Conforme o estudioso, se o professor fosse congruente, sendo a pessoa que verdadeiramente é, aceitando seus sentimentos reais, tendo plena consciência das atitudes que assume, seria este um dos fatores facilitadores da aprendizagem. Mais importante seria, portanto, a sua congruência e autenticidade, ao cumprimento de todo o programa estabelecido ou a utilização dos métodos que escolhesse para empregar em sala de aula.

O autor também discute a respeito da tendência atualizante que indica que cada pessoa possui uma tendência inerente ao crescimento e a atualização (ROGERS; KINGET, 1997). No contexto da educação, de acordo com Rogers (2009), os alunos que recebessem confiança em sua tendência atualizante, estando em contato com os problemas da vida, passariam a aprender, desejar crescer, dominar e criar modos de resolvê-los, direcionando-se a uma realização pessoal.

Dessa forma, como objetivo geral, esse estudo buscou compreender os aspectos presentes na relação professor-aluno que influenciam nos processos de ensino e de aprendizagem. Assim, as reflexões aqui traçadas podem permitir a construção de futuras intervenções, as quais possibilitem um contexto favorável para gerar situações de aprendizagem.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e exploratória, por possibilitar um conhecimento da história, das relações, crenças, percepções e opiniões, que são produtos das interpretações que os humanos fazem de como vivem, constroem, sentem e pensam.

Participaram da pesquisa cinco pessoas (dois alunos e três professores). Como critérios de inclusão para o primeiro grupo, esses deveriam estar cursando o Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano), serem neurotípicos (que não apresentassem diagnóstico de alguma dificuldade de aprendizagem) e terem idade acima de 12 anos, podendo ser de ambos os sexos. Não foi feito recorte em relação a nível socioeconômico. Para o segundo grupo, como critérios de inclusão, eles deveriam estar ministrando qualquer componente curricular em Ensino Fundamental II, em escola particular e poderiam ser de ambos os sexos. Não foi feito recorte com relação a idade, estado civil, nível socioeconômico e tempo de atuação.

Participaram duas alunas, Ártemis e Atena, que possuíam 14 anos de idade e estavam cursando o 9º ano do Ensino Fundamental. Dos professores participantes foram dois homens, Nereu e Éter (ambos com 27 anos e com ensino superior completo), e uma mulher Têmis (23 anos, pós-graduada). O tempo de atuação foi: Nereu 11 meses (Educação Física), Éter 9 anos (Letras e Física) e Têmis 4 anos (Letras).

Foi realizado um questionário sociodemográfico para obter as informações básicas dos participantes. Em seguida, um roteiro de entrevista semiestruturada, composta de questões que atendiam aos objetivos da pesquisa. Para a realização desta pesquisa, foram obedecidos todos os procedimentos éticos presentes na Resolução nº 466/12. Desse modo, por envolver seres humanos, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa e obteve número do CAAE 48655121.0.0000.9227.

A coleta dos dados se iniciou no mês de agosto de 2021 e foi finalizada em setembro do mesmo ano. Obtendo a sua aprovação, os professores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No caso dos alunos, inicialmente, foi solicitado o consentimento dos

responsáveis, que assinaram TCLE e, posteriormente, os estudantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). As entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes e depois, transcritas de forma literal.

Para a análise de dados, foi utilizada a “Técnica de Análise do Conteúdo Temática”, considerando três etapas: (a) pré-análise (b) exploração do material (c) análise e interpretação dos resultados, com base na literatura consultada (MINAYO, 2014).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Representações sociais acerca dos papéis de professor e aluno

De acordo com Cândido et al. (2014), as representações sociais dizem respeito ao intuito de compreender o que as pessoas pensam acerca de um determinado tipo de conteúdo, de um objeto, bem como também buscam entender o motivo de as pessoas pensarem dessa forma. Assim, elas estabelecem “um elo de ligação entre o real, o psicológico e o social [...] capazes de estabelecer conexões entre a vida abstrata do saber, das crenças e a vida concreta do indivíduo no seu relacionamento com os outros” (p. 358).

Diante disso, as alunas entrevistadas destacaram que o professor não tem apenas a função de ministrar aulas sobre o seu componente curricular, solicitar atividades, tirar dúvidas ou contribuir na construção dos processos formais. Elas destacam que o docente também favorece a construção pessoal dos alunos, ajudando-os a compreender seus objetivos e tornarem-se empáticos. Assim como também devem acolher os alunos, compreendendo-os.

*“O professor ele tem que dar o conteúdo de uma forma que o aluno se sinta acolhido por ele e dar o conteúdo também de uma forma que ele seja amigo, porque professor não é só aquela pessoa lá, mandando fazer atividade e assunto, pra mim professor ele tem que ser amigo da pessoa, brincalhão, ter os momentos assim de brincar, mas ter momentos de tirar dúvidas e ser compreensivo com o aluno” (Ártemis)*

*“O papel do professor é ajudar na construção pessoal do aluno, porque claro que o aluno tem os objetivos [...], eu acho que ele ajuda muito nessa compreensão... nessa construção. E eu acho que também pra tornar alunos empáticos” (Atena)*

A compreensão, mencionada pela aluna Ártemis, e a empatia, relatada pela aluna Atena, corroboram com alguns conceitos abordados por Rogers (1972) na ACP, como a compreensão empática, que fica em evidência no contexto da educação quando o professor tem uma percepção sensível sobre: o discente, seu mundo, suas reações íntimas, e consegue enxergar que existe uma pessoa, com suas particularidades e demandas pessoais, sociais e familiares, assumindo o papel de aluno.

Para Ártemis, cabe ao docente intermediar o conhecimento e não apenas jogar informações e conteúdos para os estudantes de qualquer forma. Ela acredita que, na medida em que se faz essa intermediação, a compreensão é facilitada e a aprendizagem acontece, ao contrário de quando é solicitada a leitura de algum conteúdo ou a realização de atividades sem uma apresentação e explicação prévia do assunto.

Os professores Éter, Nereu e Têmis concordaram que não lhes cabe apenas ministrar o conteúdo da sua disciplina, mas sim, instigar nos alunos o senso crítico, o espírito investigativo e argumentativo, de modo que eles possam ser capazes de ter suas próprias opiniões. Segundo a percepção de cada um, a partir de uma reflexão dos argumentos que são apresentados aos educandos, eles podem desenvolver autonomia para fazer suas próprias escolhas, contribuindo com a sociedade e corroborando o estudo de Brait et al. (2010).

*“O professor ele vai ter que figuramente ser lanterna ou ser farol. Tem professor que consegue ser lamparina, mas eu acredito que o aluno quer um professor que seja farol, que ilumine a estrada toda. Andar... ele vai saber andar sozinho, mas você tem que mostrar a ele o caminho, “ó, tem isso aqui, mas tem isso também, o que é que tu se identifica?”. Eu acho que quando a gente dá a emancipação do aluno, no sentido da aprendizagem, ele consegue se expandir” (Nereu)*

*“Eu pelo menos tento ser a professora que provoca, que coloca os meninos pra pensar e que pede para que eles desconfiem de tudo, o espírito investigativo sabe?” (Têmis)*

Com isso, podemos perceber que o papel do professor transpõe os limites da sala de aula, atingindo e contribuindo com os alunos não apenas no sentido cognitivo, corroborando Bulgraen (2010) quando ela destaca que o docente tem a responsabilidade de ensinar para seus alunos o conhecimento acumulado

historicamente e de dar-lhes a oportunidade de atuarem como protagonistas na sociedade. Nóvoa (1992) também discorre acerca da importância de uma mobilização de não apenas uma experiência na dimensão pedagógica, mas na produção de saberes, criando redes de auto(formação) participada.

Ambos os professores ainda abordaram que não cabia a eles o papel de educar, no âmbito da educação doméstica, referente a boas maneiras e modos de se comportar. Essas competências deveriam ser responsabilidade da família e aos docentes, nesse sentido, o máximo que poderia ser feito seria o reforço dessa educação.

No tocante ao papel do aluno, Ártemis e Atena destacaram que lhes competia realizar as atividades, respeitar o professor, estudando e aprendendo, não apenas com o professor, mas também com os colegas. No entanto, Ártemis evidenciou a necessidade de enxergar o aluno como uma pessoa e não somente como alguém que está em um papel.

*“O papel do aluno é assim: fazer as atividades, obviamente né? Respeitar o professor. E eu acho que assim também, o aluno não é só aquele que tá na sala de aula, o aluno também é aquele que tem problemas. Problemas dentro da casa, problemas na vida social dele, problemas na escola também, porque tem muitos que tem dificuldade de aprender” (Ártemis)*

*“Quando eles passam as tarefas e a gente fala: professor, isso é muita tarefa, não só tenho a sua matéria, pelo amor de Deus. Eu sou humano” (Atena)*

O Professor Nereu traz o papel do aluno descobridor, isto é, aquele que dispõe de diversos “universos” - que seriam cada componente curricular - para explorar e identificar em qual ele navega com mais facilidade. O Professor Éter destaca que o papel do aluno seria de compartilhar e colaborar; preservando o meio físico, as boas relações, o respeito com o professor e a participação em sala de aula. Além disso, deve interagir com o professor e com os colegas no processo de ensino e aprendizagem. Já para a Professora Têmis, o papel do aluno seria compreender que a educação é uma oportunidade a partir da qual ele pode se desenvolver.

*“Então talvez assim, eu vejo bem, bem didaticamente que o papel do aluno é um papel de descobridor. Então, tem um universo lá para eles.*

*São cinco aulas, são cinco universos diferentes e ele tem que ver em qual ele navega com mais facilidade” (Nereu)*

*“[...] ele participar com que ele pode oferecer de melhor, porque muitas vezes o aluno, ele vai ser um aluno A, que é o aluno muito esforçado, muito estudioso, não perde um dia de aula, faz tudo, mas tem o aluno B que tem a vontade e por N motivos não pode fazer, vai ter um aluno C, que não tem vontade nenhuma, mas que pode ser um aluno que pode contribuir de alguma maneira se ele ver também alguém que lhe estimule a isso, vai ter o aluno D, que não faz nada e nem quer estímulo de ninguém, não quer ajuda, mas se cada um, por mais específico que ele seja, ele contribua com o pouquinho dele, eu creio que esse aluno colaborativo, da maneira que ele pode trazer pra gente, ele já vai estar executando a sua função de maneira satisfatória” (Éter)*

*“O papel do aluno seria ultrapassar os limites que são impostos a eles, seja pela família, seja socialmente, seja, enfim... conseguir avançar pra que ele possa ressignificar o lugar onde ele vive, pra que ele possa ressignificar a vida dele. É que o papel do aluno é entender que a educação ela abre possibilidades pra construção de um mundo melhor” (Têmis)*

No entanto, em seus relatos Têmis relata ser bastante difícil definir o papel do aluno, visto que: “Quando eu falo de um aluno, eu tô falando de uma família, eu tô falando de uma construção histórica, de um contexto social, de uma realidade financeira, emocional, é muito além”.

Nas falas de todos os professores, é possível observar que eles percebem a individualidade e particularidade dos seus alunos, o que para González Rey (2001) é importante, pois compreender a subjetividade no contexto da educação, possibilita-nos entender os diversos momentos que fazem parte do processo educativo, bem como dos processos de significação e sentido. É significativo compreendendo que a sala de aula não está relacionada apenas aos processos de ensinar e aprender, mas que dela e nela emergem outros elementos de sentido e significação, que advém experiências sociais, sendo inseparáveis das histórias dos sujeitos envolvidos (GONZÁLEZ REY, 2001).

## Afetividade na relação professor e aluno

De acordo com Nereu, a afetividade permite que o aluno fique mais confortável na sala de aula, se sinta querido. Com isso, o ambiente se torna acolhedor e as coisas fluem melhor, inclusive a aprendizagem. As alunas Atena e Ártemis e os professores Éter e Têmis ainda acrescentam que a afetividade consiste em estar próximo - entendendo o lado de pessoa-, estar atento a como o outro está ou se sente. É colocar-se no lugar desse outro, entendendo e respeitando seus limites de maneira empática. Assim, além de cumprir as partes educacionais, se pode construir uma relação de amizade. Nesse sentido, é possível perceber que as falas dos participantes se relacionam diretamente com o conceito de compreensão empática apontada por Rogers (2009), citada anteriormente, e o estudo de Mello e Rubio (2013).

De modo semelhante ao estudo de Mello e Rubio (2013), os participantes destacaram que a afetividade se manifestava através do diálogo, da escuta, da interação entre professor-aluno, de um sorriso ou da forma de se expressar. A título de exemplo, a aluna Atena também frisou que a afetividade podia ser percebida quando ela estava triste e o professor a perguntava se estava tudo bem.

Dois dos professores acrescentaram que também utilizam uma abordagem que consideram que facilita a relação entre eles e os alunos. Durante a explicação de um conteúdo, por exemplo, na medida em que se fizesse necessário citar algo para ilustrá-lo, eles utilizavam os próprios alunos, colocando-os como participantes da história. Isso fazia com que eles se sentissem envolvidos no processo e, conseqüentemente, se interessassem mais na explicação.

Nesse contexto, a aluna Ártemis e os professores Éter e Nereu trouxeram uma reflexão importante de que a afetividade não se demonstrava apenas nas atitudes isoladas, mas na forma como elas eram realizadas. Conforme Ártemis, uma atitude que a marcou foi quando o professor a ajudou em um momento de dúvida. Para além disso, o modo como a dúvida foi sanada, gerando um retorno positivo. Isso também foi encontrado na fala dos outros professores.

*“Foi o modo como ele tirou a dúvida. Foi o ato dele sentar assim do lado e explicar pra mim entender bem melhor” (Ártemis)*

*“Do professor ele tá conversando mais com o aluno, falar assim... não a fala, a forma que ele*

*fala também” (Artemis)*

*“O que vem favorecendo nessa relação, é o leque de informações que a gente pode entregar a eles e a forma como a gente pode entregar” (Nereu)*

*“Uma forma que se expressa, uma forma como fala” (Éter)*

Éter relatou também que a educação permite que aconteça a transformação de alguns alunos e que ela acontece através da afetividade e da pessoa do professor. Não era uma atitude específica adotada, mas sim o seu jeito de ser que promovia a mudança. Ele também ressaltou a responsabilidade do professor com o seu discurso e atuação, de modo semelhante ao que evidencia Veras e Ferreira (2010) sobre a postura do professor, que parece afetar diretamente na aprendizagem do aluno, seja de maneira positiva ou negativa.

*“Aí eu senti o peso da responsabilidade que o professor tem, ele é vigiado, ele é observado [...]. Então, a gente tem que ter muito cuidado com o que fala. Essa responsabilidade com as palavras, até na hora de uma brincadeira mesmo. Ele vai escutar tanto de uma forma boa ou vai escutar algo que não foi legal e também vai marcar ele e vai levar pra ele” (Éter).*

A fala desse professor se relaciona com o pensamento de Grillo (2010), porque chama atenção para o fato de que o professor abre um campo de possibilidades, logo, não contribui apenas com o desenvolvimento de conhecimentos formais, mas também, pode ser visto pelos

estudantes como modelo profissional e fonte de apoio e aconselhamento. Dessa forma, eles acabam contribuindo com os alunos em aspectos como posturas, respeito e sensibilidade, bem como em assuntos relacionados a ética (OLIVEIRA et al., 2014).

## Trocas intergeracionais entre professores e alunos

Durante a entrevista, Éter discorre sobre o fato de que o professor precisa estar aberto e, inclusive, disponível para reconhecer que, em alguns aspectos - sejam eles referentes ou não à disciplina - o aluno pode saber mais que ele. E complementa dizendo que:

*“Quando ele coloca na cabeça que vai para aprender, ele consegue ensinar mais leve, ele consegue ensinar melhor. Porque ele tá aberto. Ele tira o peso do ensinar e coloca na mesa... e coloca na mesa ali, uma igualdade” (Éter).*

Atena também relatou que há a troca de conhecimentos dentro da sala de aula, e que o professor também é um aprendiz. A partir disso, é possível compreender que os papéis adotados na sala de aula não são rígidos e que professor e aluno podem ensinar e aprender.

No decorrer das entrevistas, foi perguntado o que os alunos teriam aprendido com seus professores, em quaisquer aspectos. Ficou a seu critério responder sobre aprendizados no quesito da educação formal e/ou pessoal. Também foi perguntado quais aprendizados os professores tiveram com seus alunos e os ensinamentos de ambos (ver Quadro 1).

Quadro 1. Aprendizados e ensinamentos dos entrevistados

PARTICIPANTE	APRENDIZADOS QUE AS ALUNAS RECEBERAM ATRAVÉS DE SEUS PROFESSORES	ENSINAMENTOS QUE AS ALUNAS PROPORCIONARAM AOS SEUS PROFESSORES
Aluna Ártemis	Reconhecer que errar é humano, e que é possível tentar novamente.	Proporcionar reflexões sobre determinados assuntos referentes a movimentos sociais.
Aluna Atena	Professor também é humano.	Informar acerca de comportamentos da geração do professor, que atualmente já não são mais considerados adequados.
PARTICIPANTE	APRENDIZADOS QUE OS PROFESSORES RECEBERAM ATRAVÉS DE SEUS ALUNOS	ENSINAMENTOS QUE OS PROFESSORES PROPORCIONARAM AOS SEUS ALUNOS
Professor Éter	Reconhecer que determinados alunos poderiam saber mais do que ele sobre o conteúdo; Compartilhar experiências e conhecimento com os colegas; Humildade.	Professor e aluno podem compartilhar vivências e experiências e desenvolver uma relação de amizade.
Professor Nereu	O aluno se interessa não apenas pelos componentes curriculares, mas pela vida. Inclusive, a vida do professor.	Quebrar os paradigmas acerca da educação física; Reflexões sobre corpo, saúde; Instigar o debate e a construção da opinião.
Professora Têmis	Fazer uma autoavaliação sobre suas atitudes; Reconhecer que precisa aprender para ensinar.	Respeitar as opiniões dos colegas (embora sejam opostas); Descobrir que nem sempre precisa ter uma opinião formada sobre tudo, e que é possível estar em cima do muro às vezes.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A aluna Atena ressaltou que o seu aprendizado com um professor foi reconhecer que eles também são humanos, que sofrem, sentem e ficam cansados do mundo dos estudos. Já a aluna Ártemis destaca que, ao ficar magoada com uma nota baixa, um professor a ensinou que errar é humano e faz parte do processo de aprendizagem. Disse-a, ainda, que para saber sobre determinados assuntos, é necessário o conhecimento prévio de outros e, diante disto, é possível continuar tentando até conseguir acertar. No tocante aos ensinamentos, as duas alunas destacaram que puderam ensinar aos professores coisas de sua geração, inclusive, comportamentos que, hoje, já não são mais bem vistos, como o machismo. Segundo suas visões, elas contribuíram ao despertar nos professores a necessidade de refletir acerca do tema e de suas atitudes.

Já o professor Éter trouxe diversos aprendizados tanto no sentido dos conhecimentos formais, de ensino e de didática, como aprendizados pessoais. No primeiro caso, ele compartilha que aprendeu com seus alunos a reconhecer que, em determinados assuntos referentes ao seu componente curricular, alguns alunos possuíam maior

domínio do que ele e que, com isso, ambos poderiam ensinar dentro da sala de aula, gerando uma contribuição ainda maior para a turma, já que aconteciam diversas trocas. Ele, enquanto professor, conseguiu, inclusive, aprender novas formas de ensinar aquele assunto. No segundo sentido, Éter resalta que aprendeu sobre humildade e sobre compartilhar suas experiências e conhecimentos com os colegas de trabalho, ao ver que um aluno também fazia isso com seus colegas de turma.

O professor Nereu, em seu tempo de atuação, aprendeu que o aluno não se interessa somente pelos conteúdos apresentados no componente curricular, mas querem aprender sobre o que acontece no mundo, sobre a vida, inclusive, a do professor. Quanto aos ensinamentos proporcionados pelos professores, Nereu destacou que quebrou os paradigmas sobre a educação física com seus alunos, bem como, promover o debate em sala de aula instigando os alunos a argumentar e construir uma opinião sobre o tema. O professor Éter acredita que o ensinamento que proporcionou aos seus alunos foi que eles podem compartilhar experiências, aproximar-se e existir uma

amizade entre aluno e professor, dentro e fora da sala de aula, preservando o respeito.

A professora Têmis relata que os dois aprendizados marcantes. O primeiro, foi quando através de um post no Instagram o conteúdo que uma aluna havia postado, acabou convidando os leitores uma autoavaliação, para observar se as suas atitudes estavam coerentes com o seu discurso. Então, através da reflexão de uma aluna, ela pôde olhar pra si e pensar sobre suas questões pessoais. E o segundo, foi quando ela percebe que dentro do exercício da sua profissão precisa aprender pra ensinar. Precisa se informar de alguns assuntos para poder dar aula, se atualizar dos acontecimentos do mundo para contextualizá-los como possíveis temas de redação, por exemplo, assim como também, para orientar alunos com dúvidas pessoais sobre determinados temas.

Os participantes relataram que existem

ensinamentos para além do componente curricular, corroboram com o estudo de Tassoni e Leite (2013) que afirma que a sala de aula é um espaço de aprendizagem do mundo, dos conteúdos, de si e do outro, podendo proporcionar aprendizagens das mais diversas naturezas, bem como a intenção dos professores em ensinar coisas para vida.

## Relação aluno e professor e processos de ensino e de aprendizagem

Durante as entrevistas, foi possível observar que a relação aluno-professor influencia diretamente, seja de modo positivo ou negativo, o processo de ensino e de aprendizagem (Quadro 2), como aponta Rogers (1972; 2009).

Quadro 2. Aspectos na relação aluno e professor que influenciam o processo de ensino e aprendizagem

PARTICIPANTE	ASPECTOS NA RELAÇÃO ALUNO E PROFESSOR QUE FACILITAM A APRENDIZAGEM	ASPECTOS NA RELAÇÃO ALUNO E PROFESSOR QUE DIFICULTAM A APRENDIZAGEM
Aluna Ártemis	Diálogo; O professor conversar e interagir com os alunos; Uso de gírias.	Atitudes preconceituosas por parte dos professores.
Aluna Atena	Dinâmicas que possibilitem o conhecimento do grupo, sobre a sua vida fora da escola.	Excesso de atividades; Atitudes preconceituosas por parte dos professores.
Professor Éter	Usar os alunos nos exemplos do conteúdo Compreensão empática.	Alunos fechados, onde a comunicação é inexistente ou difícil.
Professor Nereu	Contato, diálogo e interação com o aluno; Falar da vida pessoal; Usar os alunos nos exemplos do conteúdo; Disponibilidade de outros momentos fora da sala de aula.	Alunos fechados, que não socializam, onde a comunicação é inexistente ou difícil.
Professora Têmis	Conversar com os alunos sobre assuntos que o interessem, além dos componentes curriculares; Mostrar ser uma pessoa normal; Ouvir os alunos.	Excesso de cobrança

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Um exemplo disso, é quando a aluna Ártemis relata que ter um bloqueio com a pessoa do professor. Não gostar de suas atitudes é um fator que dificulta o aprendizado, porque, ao invés de querer prestar atenção, de estar ali, o desejo é distanciar-se do professor. De forma complementar, tem-se a fala de Éter, que afirma:

*“Para o aluno primeiro se interessar pela aula, primeiro ele tem que se interessar pela pessoa que tá dando, porque se ele pegar ranço do jeito que o professor fala, por exemplo, ela já não vai querer ouvir aquele professor” (Éter)*

Outro aspecto notado durante as entrevistas foi que há um interesse dos alunos pela vida dos professores. Eles gostam de conhecer a pessoa que está mediando o conhecimento, as coisas que fazem, no que acreditam. Esse professor acaba tendo uma influência real na vida dos alunos, e, a partir do contato com essa influência, com esse professor, formam-se valores vivenciais, tendo em vista que, como afirma Aquino (2013, p. 60) “a pessoa humana vivencia algo ou alguém, ou seja, recebe algo do mundo ou vai de encontro a um tu”. Desse modo, através do contato entre esses indivíduos e com a dinâmica de afetar e ser afetado podem ocorrer significativas influências nas



formas de ser e estar no mundo.

*“O aluno vai procurar bem mais que português, educação física, matemática, numa sala de aula. Primeiro, ele vai descobrir um mundo novo, mas ele antes de conhecer o mundo, ele quer conhecer a pessoa que tá apresentando esse mundo a ele. Ele quer saber assim... “poxa, o que é que eu faço para ser isso aí que o senhor é?”, quando eu digo que eu joga algum jogo no celular é um espanto, “professor! O senhor joga?”. É como se a figura do professor fosse uma figura muito arcaica, não fosse uma coisa nova” (Nereu)*

*“Conversar até mesmo sobre a vida em si, assuntos que tão acontecendo no mundo, eu acho isso legal” (Ártemis)*

*“É se conhecer mesmo. O que você faz fora da escola, o que você gosta, coisas assim legais, pra todo mundo se conhecer” (Atena)*

*“O peso da responsabilidade que o professor tem, ele é vigiado, ele é observado [...]. A tua fala se torna eternizada nos ouvidos de quem ouve” (Éter)*

*“[...] Esses dias eu postei... faz umas 2 semanas que eu postei falando sobre o processo de escrita, que o processo de escrita é um processo né? Não é um produto que você chega ali e tá pronto. E aí muitos alunos responderam: a senhora mostra que é igual a gente” (Têmis)*

Diante disso, é possível perceber o interesse genuíno dos educandos pela pessoa do professor, bem como a necessidade de estreitar os laços e as relações existentes em sala de aula, de modo que esse contato não seja reduzido a algo distante e imparcial, com foco tão somente na dimensão cognitiva.

Ao questionar quais aspectos na relação aluno-professor facilitavam o processo de ensino e aprendizagem, a aluna Ártemis e os professores Nereu e Têmis destacam que o diálogo e a interação podem ser fatores facilitadores. Isso porque, como apontado durante as entrevistas por Nereu e Atena, as barreiras da sala de aula podem prender o aluno e não permitir que ele se expanda socialmente. Com isso, a promoção de dinâmicas a fim de permitir tanto o conhecimento dos integrantes do grupo – no tocante a sua vida pessoal, a quem realmente são, e à disponibilidade de realizar aulas fora das quatro paredes da sala – podem ser aspectos importantes para facilitar o ensino e a aprendizagem.

Outro dado relevante a ser frisado é que ambos os professores mencionaram que inserir os alunos nos exemplos enquanto ministram as aulas é um fator que estreita a relação entre eles e permite-os sentirem-se importantes e parte do que ali está sendo construído. Abandona-se, nesse caso, uma postura passiva do educando e adota-se uma ativa. Dessa forma, ele consegue interessar-se mais ao que está sendo estudado, pois as dimensões pessoal e afetiva estão envolvidas. Leva-se em consideração, portanto, os conceitos de aprendizagem significativa de Rogers (1972) e a integração das dimensões do ser humano, como apontado por González Rey (2001), Jusevicius (2006) e Rogers (1972).

Ártemis também destacou que o uso de gírias e a adoção de uma linguagem informal é um fator que aproxima professores de alunos, porque, assim, haverá uma sintonia no padrão de linguagem e, conseqüentemente, entre eles. Tais aspectos são também evidenciados no estudo de Tassoni e Leite (2013), rompendo as impressões de que a figura do professor é arcaica e que, aparentemente, não possui aspectos vivenciais e características pessoais em comum com os alunos - como citado anteriormente por Nereu e Atena, quando há uma surpresa no momento em que os alunos percebem que o professor também é humano e parecido com eles. Nereu também aponta que falar da vida pessoal é um aspecto que pode facilitar o cotidiano acadêmico, visto que os alunos ficam bem mais atentos, além de ser uma ferramenta que possibilita estreitar a relação entre professores e alunos.

Por fim, o Éter destaca que a compreensão empática é um fator que pode auxiliar nesse processo. Na medida em que o professor se coloca novamente no lugar de aluno, pode refletir a respeito de sua atuação e oferecer melhores estratégias para mediação do conhecimento, como anteriormente já havia sido constado por Rogers (1972; 2009).

Por outro lado, em se tratando dos aspectos que dificultam o processo de aprendizagem, as alunas Ártemis e Atena destacaram que atitudes preconceituosas por parte dos professores, como machismo, por exemplo, promoviam tanto seu afastamento dos alunos, como do interesse desses por seu componente curricular. Atena ainda ressaltou que a sobrecarga advinda do excesso de atividades solicitadas e a falta de compreensão quanto ao fato de, em suas palavras, os docentes não os perceberem como humanos, eram impasses para a concretização efetiva das atividades de ensinar e de aprender. Têmis concorda que o excesso de cobranças se mostra negativo.

Os professores Éter e Nereu apontaram os mesmos aspectos como fatores que atrapalham o processo: quando

se deparam com alunos “muito fechados” dentro da sala de aula, isto é, aqueles com os quais não se consegue estabelecer comunicação, nem tão pouco vínculo, pois, muitas vezes, as únicas palavras proferidas por eles é a resposta à chamada de frequência. No entanto, uma estratégia apontada para lidar com essa dificuldade é trazer esse aluno para os exemplos citados em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões traçadas e dos dados gerados e analisados ao longo desse estudo, algumas questões ficam evidentes. Primeiro, há que se considerar que as atividades de ensinar e aprender são potencializadas quando enxergadas através de todas as dimensões que a envolvem (cognitiva, afetiva, social). Assim, o papel do professor não se refere apenas a intermediação do conhecimento, mas a contribuir na construção pessoal do aluno e no desenvolvimento de sua autonomia.

A integração da dimensão afetiva dentro da sala de aula, na relação aluno e professor, é demonstrada e percebida não apenas por meio de atos isolados, mas como eles são concretizados. Tais ações têm potencial para possibilitar um ambiente mais favorável à aprendizagem, bem como de promover a transformação das pessoas envolvidas no processo, dada a necessidade de enxergá-las como pessoas e não como quem exerce um papel socialmente atribuído.

Por fim, verificou-se que algumas atitudes adotadas em sala de aula, que as tornam um ambiente de diálogo e disponibilidade, podem ser decisivas para promoção de uma aprendizagem significativa; visto que há outros aspectos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando construções não apenas na dimensão cognitiva, mas também, afetiva e social, permitindo que o aluno protagonize a construção do seu conhecimento, seja na perspectiva dos processos formais ou pessoais.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, T.A.A. **Logoterapia e análise existencial: Uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2013.
- BRAIT, L.F.R. *et al.* A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, v.6, n.1, 2010.
- CÂNDIDO, C.M.*et al.* A representação social do “bom professor” no ensino superior. **Psicologia & Sociedade**, n. 2, v. 26, p. 356-365, 2014.
- GONZÁLEZ REY, F. L. G. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 13, p.9-15 2001.
- GRILLO, M. O professor e a docência: o encontro com o aluno. *In*: ENRICONE, D. (org). **Ser professor**. 6 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- JUSEVICIUS, V. C. C. **Subjetividade em sala de aula: a relação professor-aluno no ensino superior**. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.
- LIMA, L.D.; BARBOSA, Z.C.L.; PEIXOTO, S.P.L. Teoria humanista: Carl Rogers e a educação. **Caderno de**
- Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Alagoas, v. 4, n. 3, p. 161-172, 2018.
- MELLO, T.; RUBIO, J. D. A. S. A importância da afetividade na relação professor/aluno no processo de ensino/aprendizagem na educação infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2013.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Hucitec, 2014.
- MOREIRA, A. M.; CHAMON, E.M.Q.O. **Ser professor: representação social e construção identitária**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. *In*: NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.13-33.
- NÓVOA, A. Firmar a profissão como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, [online], 47(166): 1106-1133, 2017.
- OLIVEIRA, C. T. et al. Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 239-246, 2014.

QUADROS, A. L. *et al.* A percepção de professores e estudantes sobre a sala de aula de ensino superior: expectativas e construção de relações no curso de química da UFMG. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 16, p. 103-114, 2010.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender**. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais, 1972. 329p.

ROGERS, C. **Torna-se pessoa**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, C.; KINGET, G.M. **Psicoterapia & Relações Humanas**. 2.ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1997.

TASSONI, E.C.M.; LEITE, S.A.S. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições da teoria walloniana. **Educação**, v. 36, n. 2, p. 262-271, 2013.

VERAS, R.S.; FERREIRA, S.P.A. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. **Educar em Revista**. Curitiba, n.38, p.219-235, 2010.